



Podcast Rio Memórias

Ep 3: A outra margem

Roteiro

Locução (Gabi)

Locuções adicionais (Rodrigo)

Áudios, ilustrações e efeitos sonoros

Entrevista (Mônica Lima)

Música

[INÍCIO DO EPISÓDIO 3]

[ÁUDIO]

- Na abertura, vamos recriar em áudio um engenho de açúcar.
- Sons que serão usados: carroças de madeira que transportam a cana; moenda (maquinário pesado de madeira); fornalhas (caldeirão com líquido fervendo); vasos com líquido escorrendo; além de som de passos, respiração, material sendo empilhado e transportado etc.

[ÁUDIO]

- Começa com o som de uma carroça pesada de madeira, puxada por bois (som de mugido também). Esse som fica um pouco, sem pressa, antes de entrar a locução.

[MÚSICA] 1

Trilha minimalista para acompanhar a cena.
Depois vai se transformar no tema de abertura.

[LOCUÇÃO]

Hoje a nossa história começa dentro de um grande engenho de açúcar.

[ÁUDIO]

- Fica um pouco o som ambiente.



[LOCUÇÃO]

Esse carro de boi que acabou de chegar trouxe a cana que foi plantada durante quase um ano. Além das plantações, um lugar como esse tem uma área construída enorme, dividida em quatro partes: a casa grande, onde mora o senhor de engenho com a sua família; a senzala, onde ficam os escravizados; uma capela; e a casa de engenho propriamente dita, que é onde se fabrica o açúcar.

[ÁUDIO]

- Som de passos, empilhando coisas (no caso a cana-de-açúcar), burburinho, respiração.

[LOCUÇÃO]

O primeiro passo da produção acontece na moenda. Nos engenhos maiores a cana pode ser moída num sistema hidráulico. Mas as moendas menores são movidas por força animal, ou operadas por pessoas escravizadas. Tem uma pintura do Debret que mostra bem essa moenda manual, com dois homens negros fazendo girar o mecanismo, enquanto outros dois vão colocando a cana pra moer nos tambores.

[ÁUDIO]

Som da moenda (maquinário pesado de madeira), respiração ofegante ao fundo, pés arrastando no chão.

[LOCUÇÃO]

O risco de acidente ali é alto, porque se a mão for puxada pra dentro do tambor junto com a cana, a ordem é amputar imediatamente. E isso não é um cuidado médico com o escravizado. É só uma medida de emergência pra evitar o prejuízo que seria danificar ainda mais a máquina.

[ÁUDIO]

Som da moenda vai sendo substituído pelo som das caldeiras.

[LOCUÇÃO]

O passo seguinte é tirar o caldo e ferver nas fornalhas. O líquido é colocado em grandes caldeiras de cobre, com temperaturas altíssimas, até se transformar em melaço de cana. Ali o risco é de queimadura na hora de manusear o material.



[ÁUDIO]

Som de líquido fervendo nas fornalhas (panelas grandes com bolhas fervendo)

[LOCUÇÃO]

Esse melaço é colocado em vasos de barro com formato de sino. Na base do vaso tem uma abertura pequena, por onde escorre o melaço, e dentro do recipiente ficam só os cristais de açúcar.

[ÁUDIO]

Som de objetos sendo colocados no chão.

[LOCUÇÃO]

A secagem é feita com esses vasos expostos ao sol, e dali sai o chamado pão-de-açúcar, que acabaria dando nome ao ponto turístico no Rio de Janeiro, por causa do formato do morro. Depois é separar o açúcar, armazenar e transportar a carga pra exportação.

[ÁUDIO]

Volta o som da carroça. Segue no fundo.

[MÚSICA] 1

Pequena virada na música.

[LOCUÇÃO]

Agora eu te pergunto: enquanto você ouvia essa cena, onde você tava se imaginando? Em qual cidade, em qual país? E em qual período? Eu chutaria que você pensou no Rio de Janeiro colonial, acertei? Ou na Bahia, ou em Pernambuco, que produziam bastante açúcar.

[LOCUÇÃO]

Bom, o período é quase esse, na verdade um pouco antes. A gente tá falando do século 15, quando os portugueses ainda não tinham chegado por aqui. E o lugar... é, esse lugar é bem longe do Rio. É do outro lado do Oceano Atlântico. Essa é uma cena que acontecia com muita frequência na ilha de São Tomé e Príncipe.



[ÁUDIO]

Sobe o som da carroça.

[LOCUÇÃO]

O engenho que a gente recriou aqui em áudio se chama Praia Melão, e era o mais importante da colônia portuguesa de São Tomé. Na década de 1530, aquela pequena ilha na costa ocidental da África, bem pertinho da linha do Equador, já tinha se tornado a maior produtora de açúcar no mundo.

[LOCUÇÃO]

Com ensaios exaustivos de cada etapa, e estudos pra ver qual processo dava mais lucro, São Tomé foi uma espécie de laboratório pros engenhos que, quase um século depois, se espalharam pelo Brasil - principalmente na região Nordeste, mas também no Rio de Janeiro. E foi a produção açucareira que consolidou por aqui a substituição da mão-de-obra escrava indígena pela africana.

[MÚSICA] 1

Virada na música para o tema de abertura.

A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, e esse é o terceiro episódio da temporada Rio Atlântico, inspirada na galeria que você encontra no nosso museu virtual, em riomemorias.com.br. Hoje a gente vai te levar pra outra margem do oceano. Você vai conhecer portos, regiões e personagens africanos que de alguma forma se conectaram com o Rio de Janeiro, numa relação marcada pela violência dos europeus e pela memória de quem cruzou o mar. Porque a história do Rio é, também, a história da África.

[MÚSICA] 1

Deixa a música um tempo, sem pressa.

[ÁUDIO]



Som do mar. Fica um pouco, entra a locução do capítulo, depois fica baixinho no fundo das próximas locuções.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 1: A Costa da Mina e o Oceano Negro

[LOCUÇÃO]

Bom, a gente tá chegando na metade de uma temporada chamada Rio Atlântico, e até agora eu não te contei por que é que o oceano se chama Atlântico, né? Pode parecer um detalhe bobo, mas você vai ver que o ato de dar nome a um lugar tem a ver com a história daquele lugar. E também tem a ver com **quem** define esse nome.

[LOCUÇÃO]

O nome Atlântico vem, claro, dos europeus. Mais especificamente da mitologia grega. Heródoto, o geógrafo conhecido como o primeiro historiador da humanidade, viveu no século quinto antes de Cristo. Foi ele que relacionou o oceano com a divindade mitológica Atlas, o filho de Netuno. Atlas era um titã grego condenado por Zeus a carregar o peso dos céus por toda a eternidade.

[fim som mar]

[LOCUÇÃO]

Também foi Heródoto que usou o termo Etiópia pra se referir à porção da África que fica abaixo do deserto do Saara. É a maior parte do continente, reunindo hoje 48 países, inclusive a atual Etiópia, que fica ali no Nordeste, na região conhecida como o Chifre da África.

[MÚSICA] 2

Tema para acompanhar a apresentação da entrevistada.

[LOCUÇÃO]

Quase dois milênios depois de Heródoto, quando a dominação europeia já se espalhava pelo mundo, o Atlântico era dividido em duas partes, Norte e Sul. Essa parte Sul, que concentrava o tráfico de pessoas negras escravizadas rumo às Américas, passou a ser chamada de Oceano Etíope, ou Etiópico. Uma denominação



dos brancos europeus a partir do seu projeto colonizador, que ganhou um forte caráter simbólico. O Atlântico era o Oceano Etíope, o Oceano Negro, por onde os africanos circulavam de forma compulsória. Isso se refletiu e até hoje se reflete na margem do lado de cá.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[31:29 a 31:56]

O Rio de Janeiro foi a maior cidade afro atlântica da história do mundo. E não olhar pra esse lado da história é a gente abrir mão de uma herança, que é riquíssima e que é nossa, que nos pertence como brasileiros, nos pertence não no sentido da propriedade, mas de nos tornarmos pessoas mais completas mesmo. O Brasil precisa se aproximar mais da sua história africana.

[LOCUÇÃO]

Essa é a professora Mônica Lima.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[0:58 a 1:07]

Eu sou professora de História da África da UFRJ, e hoje eu tô na Coordenação de Articulação de Projetos e Internacionalização do Arquivo Nacional.

[LOCUÇÃO]

A professora Mônica é a curadora da galeria Rio Atlântico no site do Rio Memórias. Então eu recomendo muito que, depois de ouvir cada episódio, você entre no site pra navegar pelas memórias da África e da nossa relação com o oceano.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[30:51 a 31:29]

E a África é muito mais que a história da escravidão. Isso parece óbvio a gente dizer, mas é muito mais. Mesmo os escravizados carregam uma história que é muito mais profunda, importante e complexa do que a experiência do cativo, né? As sociedades africanas tinham contato entre elas, elas trocavam conhecimentos, saberes e tem muito mais a ser conhecido sobre África. E pra gente que é brasileiro, que é o maior país de descendentes de africanos fora da África é fundamental ter esse conhecimento.



[MÚSICA] 2

A música fica um pouco.

Fim da música.

[LOCUÇÃO]

Depois de passar por São Tomé e Príncipe, a gente vai subir um pouco pelo Golfo da Guiné, até chegar numa margem muito importante: a Costa da Mina.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA] costa da mina

[17:18 a 17:42]

O que acontece com a costa da Mina? Que é essa região da África Ocidental, que fica mais ou menos entre o que é hoje o litoral da República de Gana e até ali o litoral da Nigéria, a região do delta do Níger, sobretudo. A chamada Costa da Mina, que também foi chamada muitas vezes de costa dos escravos. E não sem razão.

[LOCUÇÃO]

Só pra você não se confundir, aquele pedaço do mapa era chamado de Guiné provavelmente em referência a Gana, que era como os nativos chamavam a área ocupada pelo então reino do Mali. Mas era um território enorme, com vários países, incluindo onde hoje ficam a Guiné e a Guiné Bissau. A Costa da Mina pegava a região onde hoje ficam Gana, Togo, Benin e Nigéria.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[17:42 a 17:54]

Foi uma região muito importante, sobretudo no comércio escravagista para as regiões do Nordeste do Brasil, porto de Salvador e também para as regiões do Caribe, mas também para o Rio de Janeiro.

[LOCUÇÃO]

A negociação de escravizados já era praticada naquela região antes da chegada dos portugueses. Os árabes dominavam uma extensa rede de comércio por ali.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[5:38 a 6:05]



A escravidão existe em várias partes do mundo, e existiu desde a antiguidade. Enfim, é uma longa história a presença da escravidão e de várias modalidades de escravidão. A África não está fora desse, vamos dizer assim, dessa experiência extremamente desumanizadora, seja ela de qualquer modalidade for, que a humanidade viveu em seus diferentes continentes e sociedades.

[6:11 a 6:35]

E a segunda coisa é que sim havia escravidão na África de vários tipos. Escravidões que iam desde a escravidão temporária até situações que alguns, hoje, alguns estudiosos interpretam muito mais como uma servidão do que como uma escravidão. Então tem uma série de modalidades de experiência de cativo e escravização, trabalhos forçados no continente africano.

[LOCUÇÃO]

Quando os portugueses chegaram, em 1446, o interesse maior ali era nas riquezas: tinha ouro, marfim, especiarias, tecidos, artefatos de metal... então de início o tráfico de escravizados nem era o foco principal dos colonizadores. Mas dali pra frente a coisa só foi aumentando.

[MÚSICA] 3

Tema para acompanhar a locução.

[LOCUÇÃO]

Sete anos depois do início da ocupação portuguesa, foi publicado um livro chamado “Crônica do descobrimento e conquista de Guiné”, escrito pelo cronista português Gomes de Zurara, a pedido do rei de Portugal, Afonso Quinto. A ideia ali era justificar a escravidão baseada na cor da pele. Com o conceito de que a raça dos africanos era inferior, essa foi a primeira articulação formal de ideias racistas publicada oficialmente. Esse documento ajudou a validar as várias modalidades de escravidão na época.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[6:43 a 7:46]

A principal modalidade de obtenção de mão de obra escravizada, de se produzir pessoas escravizadas para a escravidão, aí sim a Atlântica, que chega às Américas, é a guerra, é a guerra. A principal é a guerra, a segunda é a captura. E a terceira são,



aproveitando-se dessas diferentes modalidades da escravidão, obter essas pessoas que já estavam em situação de subordinação como pessoas escravizadas para o comércio atlântico. Então são essas modalidades que existem, essas vão funcionar ligadas ao mundo atlântico. O que vai acontecer com a escravidão atlântica é que vai ampliar muito em dimensão, vai ser acrescentada a ela uma série de aspectos que vão reforçar esse grau de desumanização, e vai criar, essa sim, uma empresa escravista.

[LOCUÇÃO]

Como a gente viu no primeiro episódio da temporada, essa desumanização incluía o apagamento da identidade dos escravizados. Pessoas que eram capturadas em diferentes regiões da África e embarcavam na Costa da Mina tinham seus nomes apagados, eram rebatizadas e acabavam classificadas dentro do guarda-chuva genérico de pretos e pretas minas.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[18:23 a 18:33]

Eles têm uma experiência que tem a ver com a realidade local, uma experiência urbana muito forte. Essa é uma região muito urbanizada da África, com cidades muito antigas.

[ÁUDIO]

Som da cidade, o porto, empilhando caixas, passos, burburinho de cidade. Fica no fundo da entrevista.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[18:44 a 19:42]

Ali vão ser produzidos aglomerados urbanos, cidades. Cidades grandes e cidades pequenas que orbitam em torno dessas cidades grandes e essa experiência urbana desses africanos e africanas mina vai fazer com que eles, muitas vezes, ocupem... que eles dominem certas habilidades, certas competências da vida urbana que vai ser muito importante para uma cidade que está crescendo como o Rio de Janeiro no final do 18 e início do 19, que é uma cidade que cresce como porto exportador da mineração, mas que depois vai virar um porto também de entrada de africanos escravizados, no início do 19 vai ser o principal porto de entrada desse infame



comércio. E esses africanos e africanas minas, com essa sua experiência urbana, eles vão atender uma série de demandas que uma cidade portuária está apresentando.

[ÁUDIO]

Aqui o som do porto fica mais intenso e começa a surgir o som do mar.

[MÚSICA] 4

Tema de transição de capítulo.

[ÁUDIO]

Vai sumindo o som da cidade e fica só o som do oceano.

Surge o som do navio de madeira no oceano.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 2: Angola e a rainha negra que enfrentou Portugal

[LOCUÇÃO]

Em 1482, quase quatro décadas depois daquele primeiro contato com a Guiné, uma frota portuguesa comandada pelo navegador Diogo Cão desceu pela costa africana, passou por São Tomé e Príncipe, cruzou a linha do Equador e, já no Atlântico Sul, o Oceano Etíope, chegou na foz do Rio Congo.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[22:12 a 22:22]

Quando os portugueses chegam em Banza-Congo, que era a capital do antigo reino do Congo, eles ficam impressionados com essa cidade né, que eles nomeiam depois de São Salvador.

[LOCUÇÃO]

Começava ali a relação de Portugal com a região onde hoje fica Angola. E a colônia só seria instalada quase um século depois, em 1575, com a criação de uma feitoria em Luanda.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]



[23:09 a 23:54]

A população da região Congo-Angola tinha uma organização sócio-espacial que era um pouco mais dispersa. O que não quer dizer de forma nenhuma que era menos desenvolvida ou que era menos sofisticada, muito ao contrário. A organização dispersa, ela tinha uma lógica na relação com a natureza, com aquela terra né, com aquele espaço, e isso fazia com que eles tivessem uma vida também com toda a sua complexidade, seu desenvolvimento né, e com estados que tinham seus exércitos, dentro dessa organização espacial e social diferente da Costa da Mina.

[LOCUÇÃO]

Foi desse pedaço da margem que partiu a maioria dos africanos escravizados rumo ao Rio de Janeiro, principalmente a partir do início do século 17, até o século 19.

[22:22 a 22:38]

E hoje em Banza-Congo, inclusive, tem uma área que é patrimônio mundial também, que foi reconhecida na mesma Assembleia Geral em que o Cais do Valongo foi reconhecido como patrimônio mundial né, vamos dizer assim, duas pontas dessa história nas margens.

[LOCUÇÃO]

A gente vai voltar a falar do Cais do Valongo no próximo episódio. Mas agora eu quero te levar pra aquela região da África muito antes de ela ser chamada de Angola: a gente vai pro Reino do Ndongo.

[MÚSICA] 5

Tema para acompanhar a locução.

Neste início, só uma marcação bem leve.

[LOCUÇÃO]

No início do século 16, aquele reino pré-colonial ao sul do Congo era habitado pelo povo Mbundo, de origem banto, e a população se dividia entre murinda e kijiku. Murinda eram as pessoas livres e organizadas, e kijiku eram os não livres, que viviam em aldeias.

[LOCUÇÃO]



O rei do Ndongo era chamado pelo título de Ngola - daí veio o nome Angola. A tradição começou com o Ngola Mussuri, o rei serralheiro, ou rei ferreiro. Ele ganhou o respeito do povo porque dominava a técnica de preparar o ferro pra fabricar machados, machadinhas, facas e setas - ferramentas fundamentais na caça e nas guerras.

[LOCUÇÃO]

O Ngola governava um estado hierarquizado, com uma organização social complexa. As autoridades locais eram os sobas, e no século 16 havia mais de 700 sobas na região. Mas o reino do Ndongo era tributário ao reino do Congo, governado por uma autoridade que tinha o título de maniCongo. Era o maniCongo que controlava o porto fluvial de Mpinda, perto daquela foz onde os portugueses chegaram em 1482. O porto era a principal conexão atlântica naquele período.

[ÁUDIO]

- Pessoas caminhando.
- Pode ser algo como uma marcha, com poucas pessoas.

[LOCUÇÃO]

A colônia de Angola foi fundada em 1575, e no ano seguinte foi estabelecida a cidade de São Paulo de Assunção de Luanda, se tornando a margem africana mais relevante pro Rio de Janeiro. Os portugueses vinham há décadas estabelecendo parcerias com o reino do Ndongo, inclusive com auxílio militar nas guerras de independência e expansão. Mas logo depois do estabelecimento da colônia, ficou nítido que aquele era um projeto de domínio dos brancos. Em 1579, Portugal entrou em guerra com o Ndongo.

[ÁUDIO]

- Pessoas caminhando.

[LOCUÇÃO]

Essa caminhada que você tá escutando é um momento marcante nessa relação. A coroa portuguesa, achando que aquela guerra beneficiava mais as autoridades coloniais do que a matriz europeia, derrubou o governador-geral Luís Mendes de Vasconcelos e pediu um tratado de paz em 1621. Pra negociar pelo lado do



Ndongo, o Ngola Mbandi enviou a sua irmã mais velha como embaixadora. E os portugueses nem desconfiavam que aquele seria o primeiro contato com uma inimiga poderosa. Uma mulher que viajou mais de 400 quilômetros da capital do Ndongo até a cidade de Luanda de forma majestosa, carregada nos ombros dos seus subordinados. Uma mulher chamada Nzinga Mbandi.

[MÚSICA] 5

Virada na música.

A música vai sumindo ao longo da próxima locução.

[LOCUÇÃO]

A irmã do rei entrou na embaixada acompanhada por um séquito numeroso, incluindo oficiais, donzelas e escravizados. O novo governador-geral, João Correia de Sousa, se impressionou com a delegação liderada por aquela mulher negra coberta de jóias preciosas, colares, penas de várias cores e um adorno na cabeça.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=LVPg48JvYQ>

[32:14]

[Começa com o som ambiente da entrada no salão no fundo da locução anterior, e sobe o som na fala do governador]

- Governador: Sua Alteza Princesa Njinga Mbandi. O meu nome é João Correia de Sousa. Como governador da cidade de São Paulo de Luanda e em nome do rei de Portugal, eu quero dar-lhe as boas-vindas. A si e a sua embaixada.

[De 32:40 a 33:04, fica o som ambiente no fundo da próxima locução. Se for preciso, cortar ou esticar para subir o som na hora certa]

[LOCUÇÃO]

Esse é o filme “Nzinga, Rainha de Angola”, de 2013, dirigido pelo português Sérgio Graciano e estrelado pela atriz angolana Lesliana Pereira. Depois das boas-vindas, a cena continua com o famoso episódio da cadeira. O salão tinha uma poltrona luxuosa pro governador se sentar, mas não tinha cadeira pra embaixadora, só um tapete. Nzinga faz um sinal pra uma das suas donzelas, que se agacha no chão pra servir de cadeira e assim permanece durante toda a audiência.



[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=LVAPg48JvYQ>

[33:03 a 33:18]

[Sobe o som neste momento]

- Nzinga: Senhor governador, o sangue derramado nas terras do Ndongo tem feito grande mal a todos. O meu irmão Ngola Mbandi, rei do Ndongo, deseja encontrar a paz, que vai agradar tanto aos portugueses como à nossa gente.

[LOCUÇÃO]

O governador diz que assina a trégua desde que o rei do Ndongo aceite o batismo cristão, se submeta ao rei de Portugal e pague um tributo à Coroa portuguesa. Nzinga se recusa a assinar.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=LVAPg48JvYQ>

[33:35 a 33:40]

- Nzinga: O reino do Ndongo é soberano. Não pode ser vassalo de outro.

[LOCUÇÃO]

Ela impõe várias condições, mas aceita ser batizada no cristianismo. Foi uma estratégia pra negociar o recuo das tropas portuguesas e manter o Ndongo como um estado livre e independente de Portugal.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[25:38 a 26:06]

Eu acho que a Nzinga é um personagem resistente, mas ela é humana e ela também é um personagem do seu tempo com todas as suas contradições e aspectos. A gente tá olhando, né, com esse olhar de hoje pra trás e tal. Mas vamos pensar. Nzinga, primeiro uma mulher soberana, né, comandando exércitos, isso é importante frisar. Nzinga... ela resiste às incursões portuguesas no seu território, mas ao mesmo tempo ela negocia, né?

[LOCUÇÃO]

E negociar com os portugueses pra proteger o seu povo significava, por exemplo, escravizar vizinhos inimigos e entregar como prisioneiros de guerra.



[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[26:24 a 26:55]

A participação nesse comércio escravista era uma forma de defesa das pessoas sob o seu comando, né, sobre a sua proteção. Nzinga faz esse papel, inegavelmente, mas ela se impõe muito. Há vários relatos e várias imagens também que foram produzidas sobre ela, tem um frade capuchinho chamado Cavazzi que produz uma série de imagens muito bonitas e muito fortes a respeito dessa figura histórica, né, dessa rainha.

[LOCUÇÃO]

Sobre a reunião com o governador, o capuchinho Cavazzi escreveu assim:

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Os presentes admiraram, todos pasmados, esta presteza em sair-se bem, e a vivacidade da sua inteligência. Nunca era esperado de uma mulher que tivesse tanta desenvoltura.

[LOCUÇÃO]

Nzinga assumiu como regente do Ndongo em 1624, quando seu irmão morreu e o seu sobrinho ainda não tinha idade para assumir. Em 1626, o sobrinho também morreu, e ela virou rainha.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=LVPg48JvYQ>

[10:47 a 10:51]

- Mulher: A partir de hoje, és a legítima soberana.

[10:54 a 11:03]

- Outra mulher: O espírito do nosso pai está orgulhoso de te ver no trono, Nzinga.

- Homem: Agora já tens tudo o que tu queres, Nzinga.

[LOCUÇÃO]

Como rainha, ela se tornou uma das principais inimigas dos portugueses na África. Era temida e venerada. Liderou negociações, comandou o exército nos campos de



batalha, e conteve a expansão lusitana na região atacando e desarticulando pontos estratégicos do tráfico escravista.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[26:56 a 27:55]

Essa rainha com o tempo as representações que foram sendo construídas sobre ela são muito importantes né? A gente pode dizer, do ponto de vista da História, quase tão importante quanto o papel histórico da Nzinga oferecendo resistência aos portugueses pra entrar no seu território, impondo limites, né, até aqui não vai, e negociando no que ela podia negociar, pronto, a coisa tá difícil então eu vou me converter ao cristianismo, vou lá, me deixo ser batizada e aí eu mantenho, continuo mantendo, sou reconhecida como rainha no meu território. Tudo isso desse personagem histórico, também deságua nas representações que foram feitas sobre ela. Então ela vira personagem do congado. Ela vira personagem da cultura africana na diáspora. Ela vai representar em Angola uma força anticolonial. Não é à toa que tem a estátua dela. Ela está entronizada na cidade de Luanda com uma estátua enorme.

[MÚSICA] 6

Tema minimalista para acompanhar a locução e a entrevista.

[LOCUÇÃO]

Na segunda metade do século 17, com uma marinha poderosa e os olhos voltados pro comércio de açúcar, os holandeses começam a atacar várias regiões de presença portuguesa pelo mundo.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[13:12 a 13:22]

A gente tem aqui no Brasil a chamada invasão holandesa no Nordeste, Maurício de Nassau, o Recife holandês, aquela história toda. Só que logo depois eles também ocupam Luanda...

[LOCUÇÃO]

... com o apoio de Nzinga, que se aliou a eles contra os portugueses. Dentro das contradições da rainha, ela ajudou a articular o tráfico de escravizados com os



holandeses nesse período. Em 1641, também com Maurício de Nassau, a Holanda toma Luanda de Portugal, e passa a controlar não só a produção de açúcar no Nordeste brasileiro como também a principal fonte de escravizados pra esses engenhos, que era o porto de Luanda.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[13:55 a 14:43]

Quem vai... digamos, como se diz, libertar Luanda dos holandeses, ou seja, retornar Luanda para o controle português, será uma esquadra que sai do Rio de Janeiro, boa parte dela financiada com capital de comerciantes estabelecidos no Rio de Janeiro... tem uma pequena participação portuguesa, que cruza o Atlântico comandada por Salvador de Sá, né, e que consegue, levando nas suas tropas pessoas africanas como soldados, seus descendentes diretos e indígenas que vão compor esse exército que vai recapturar Luanda para o lado português. Depois disso, Luanda fica ligada ao Rio de Janeiro de uma maneira incontornável.

[LOCUÇÃO]

Rio e Luanda estreitam seus laços nas rotas da escravidão. Do porto da atual Angola veio a maior parte dos cativos que desembarcaram em terras cariocas. E com eles também vieram as memórias e as histórias da África. Nzinga viveu até 1653, morreu aos 82 anos, mas o imaginário em torno da sua figura atravessou o Atlântico.

[MÚSICA] 7

Tema de transição de capítulo.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[28:14 a 28:18]

No Rio de Janeiro tem até uma escola de nome homenageando a rainha Nzinga.

[LOCUÇÃO]

É o CIEP 173 Rainha Nzinga de Angola, uma escola estadual que fica na Avenida Pastor Martin Luther King, em Acari, na Zona Norte do Rio. Um lugar a mais de 6 mil quilômetros de onde ela realizou seus feitos, onde a história dela pode ser contada



prás crianças na sala de aula. Graças à memória e à oralidade de tantos mbundos escravizados que fizeram a travessia do Oceano Etíope.

[MÚSICA] 7

Virada na música.

A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 3: Moçambique e a cultura árabe

[ÁUDIO]

Som do mar, navio chegando.

[LOCUÇÃO]

Dezesseis anos depois de desembarcar na região Congo-Angola e mais de meio século depois da ocupação da Guiné, os portugueses chegaram em Moçambique. A expedição de Vasco da Gama aportou em 1498 e encontrou ali traços culturais bem diferentes. A gente tá falando do outro lado do mapa, no sudeste da África, banhado pelo Oceano Índico.

[ÁUDIO]

Mistura com o som do porto, movimentação de pessoas, empilhando caixas. Vai sumindo devagar ao longo das duas próximas locuções.

[LOCUÇÃO]

O povo banto, que habitava aquela região, tinha uma relação comercial estabelecida com os árabes, daí o contato com as culturas islâmica e hindu. O próprio nome Moçambique é um aportuguesamento de Mussa Bin Bique, um emir árabe e comerciante muito bem-sucedido que comandava a região antes da chegada dos colonizadores. Logo depois, ele foi destituído.

[LOCUÇÃO]

A região portuária de Sofala, uma das mais relevantes da costa africana, também tinha nome de origem árabe. As atividades comerciais daquela área tavam estabelecidas desde o século X, quando o poderoso estado africano de



Monomotapa negociava com árabes e indianos. Por isso Vasco da Gama se depara com uma sociedade desenvolvida e de intenso comércio no século 15. Os árabes traziam mercadorias adquiridas na Índia, como tecidos e miçangas, e trocavam por ouro, marfim e outros produtos.

[ÁUDIO]

Som de burburinho de cidade, frases em árabe.

O som fica no fundo das locuções.

[LOCUÇÃO]

A cultura islâmica ainda fica marcada no território de Moçambique até o século 19, quando a colonização portuguesa se impõe de forma mais veemente - inclusive no fornecimento de escravizados pro Rio de Janeiro.

[LOCUÇÃO]

Antes de intensificar a relação com o Rio, muita memória foi produzida ali. Assim como a Rainha Nzinga se tornou um personagem quase mitológico em Angola, Moçambique também deu origem a uma figura lendária. Foi lá que nasceu Yasuke **[PRONÚNCIA: lassuquê]**, o Samurai Negro.

[ÁUDIO]

[Na pasta Ilustrações, arquivo “Série Yasuke 1”]

[0:00 a 0:08]

- Homem: E olha só pra você, Yasuke. De servo a samurai.

[De 0:08 a 0:15 fica no fundo da próxima locução]

[LOCUÇÃO]

Essa é a série Yasuke, um anime em seis episódios feito em coprodução por Japão e Estados Unidos. É a história do homem negro que nasce em Moçambique e é levado numa nau portuguesa até o Japão, como criado de um missionário jesuíta. Portugal usava aquela região da África como entreposto comercial pros navios em direção à Ásia. Yasuke chega ao Japão em 1579, se torna um guarda-costas de um daimyô, uma espécie de senhor feudal, e acaba elevado ao posto de samurai.

[ÁUDIO]



[Na pasta Ilustrações, arquivo “Série Yasuke 1”]

[0:42 a 1:01]

- Som de homem caindo e tossindo.
- Homem: Maldito samurai negro [tosse]. Você sempre será um serviçal. Não importa a armadura que use.

[1:06 a 1:13]

- Som da espada.
- Yasuke: Não sirvo a ninguém.
- Homem rindo.

[1:15 a 1:19]

- Som da música e da espada cortando.
- Termina antes da cabeça cair no chão.

[LOCUÇÃO]

A história do samurai negro tem poucos registros escritos, mas a lenda também ganhou força pela oralidade africana, que carregou sua memória de Moçambique pra outras partes do mundo. Inclusive pro Rio de Janeiro.

[MÚSICA] 8

Tema minimalista para acompanhar a locução.

Mais adiante vai se transformar no tema de encerramento.

[LOCUÇÃO]

No século 17 já se tinha notícia de escravizados moçambicanos chegando ao Rio, mas essa prática só cresceu de fato no início do século 19. Quando a família real portuguesa fugiu das tropas de Napoleão Bonaparte e chegou ao Brasil em 1808, a Abertura dos Portos permitiu um número maior de expedições até Moçambique pra capturar escravizados. O porto de Quelimane passou a ser uma margem africana muito relevante.

[LOCUÇÃO]

Durante duas décadas no início do século 19, o Sul da África viveu o período conhecido como Mfecane **[PRONÚNCIA: Unfécane]**. Foi um momento de convulsão social marcado por guerras, fome e migrações forçadas. Na década de 1820, Moçambique recebeu um fluxo migratório intenso vindo da Zululândia, região onde



hoje fica a África do Sul. Esse movimento alterou as dinâmicas internas e aumentou a oferta de escravizados pro comércio transatlântico. Em 1830, 60% dos navios que saíam do porto de Quelimane tinham o Rio de Janeiro como destino.

[MÚSICA] 8

Virada na música.

Ainda não é o tema de encerramento.

[ÁUDIO]

- Som do navio de madeira no oceano.
- Esse som fica no fundo das próximas locuções.

[LOCUÇÃO]

Nos porões desses navios, a travessia dolorosa também trazia a memória moçambicana. Uma memória diferente daquela que saía da Costa da Mina. E diferente da que saía de Congo-Angola. Um reflexo de uma complexidade imensa, de uma amplitude que diferencia cada africano trazido pro Rio de Janeiro.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[29:55 a 30:51]

Com certeza. Tudo isso que você falou da amplitude é isso. Que a amplitude, ela vai sinalizar uma característica que é importantíssima se pensar nas pessoas africanas, que é a diversidade. É a diversidade. Isso também existiu aqui no Brasil. Existiu diversidade entre os africanos escravizados e os africanos escravizados que foram trazidos pra cá. Eles viveram experiências na escravidão diversas, você não tem algo que possa resumir. Claro que tem um eixo constitutivo da história da escravidão, que é a violência. Esse é um eixo constitutivo a violência, a desumanização são eixos que vão definir essas experiências. Mas elas vão ser vividas de formas muito diferentes e tem a ver não apenas com a maneira como eles se relacionam com a sociedade colonial, imperial aqui, mas com as suas próprias trajetórias em África, que são diversas.

[LOCUÇÃO]



Eu quero agradecer demais à professora Mônica Lima. Ela ainda vai voltar mais adiante pra continuar ajudando a gente a entender essa relação do Oceano Negro e da própria África com o Rio de Janeiro.

[ENTREVISTA MÔNICA LIMA]

[33:05 a 33:41]

Então essa é uma cidade em que pessoas também iam e vinham do continente africano, traziam notícias, traziam cartas eventualmente, traziam outras mercadorias para além das mercadorias relacionadas especificamente à escravização. Então acho que a gente também precisa pensar nessas idas e vindas de como que a gente olha hoje a região portuária do Rio de Janeiro e pensa nesse Atlântico como um espaço em que circulavam essas pessoas.

[MÚSICA] 8

Aqui a música se transforma no tema de encerramento.

[LOCUÇÃO]

O Rio de Janeiro como cidade porto é o tema do nosso próximo episódio. A temporada chegou na metade. Conta pra gente o que você tá achando. A nossa @ é riomemorias no instagram.

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, historiadora e apresentadora desse podcast. A realização é da produtora Escuta Aqui, com coordenação e roteiros do Rodrigo Alves, que também grava as locuções adicionais.

[LOCUÇÃO]

A supervisão dos roteiros é do Thales Ramos. As entrevistas são feitas pela Jamille Bullé. Ela conversou com a professora Mônica no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com a supervisão técnica do Danny Dee. As minhas locuções são gravadas no estúdio Frango no Bafo, em Belo Horizonte.

[LOCUÇÃO]



A pesquisa histórica é do Davi Aroeira. Quem faz toda a edição, a montagem e a sonorização das cenas é Clara Costa, com assistência da Giovanna Orsini. A trilha sonora original é composta pelo Gabriel Falcão. Obrigada, e até mais!

[PATROCINADORES]

Essa temporada do podcast é patrocinada pelo Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, e pelas empresas Norsul, Modal, Impulso e Kasznar Leonardos. Até o próximo episódio!

[FIM DO EPISÓDIO]